

COMERCIO DA PÓVOA DE VARZIM

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
OFICINAS D' O COMERCIO - Tel. 62331

JORNAL REPUBLICANO E DEFEN-
SOR DOS INTERESSES LOCAIS

Director, Editor e Proprietário
Manuel Agonia Frasco

Uma homenagem DOS PESCADORES POVEIROS

por NUNO SIMÕES

Poucas homenagens públicas, das realizadas nos últimos tempos, assumem o significado que teve a dos poveiros ao seu ilustre conterrâneo dr. Vasques Calafate.

Realmente a estátua que lhe foi erigida na sua terra natal que ele tanto amou e tão devotadamente serviu, teve significação excepcional que lhe proveio tanto do pouco tempo em que foi planeada, construída e inaugurada, como da exclusividade que quiseram ter na sua erecção os pescadores da Póvoa, tão agradecidos à dedicação do dr. Calafate que, pode dizer-se, viveu a maior parte da sua vida ao serviço da sua terra e da gente do mar que nela labuta. Sabe-se como a consagração dos homens ilustres que a morte leva é, no nosso País, demorada, para não dizer irrealizável pois só, tarde e a más horas, vem efectivar-se quando não tem de ser o Estado a fazê-la, ao longo dos séculos, pois o sentimento público é escasso e refractário a reconhecer as virtudes e os méritos alheios e a fazer justiça aos que o possuem e se votam ao serviço da colectividade, sacrificando-lhes tantas vezes saúde, haveres e a própria vida.

Fui amigo do dr. Vasques Calafate e tive a honra de o ter por colaborador efectivo no meu jornal «A Pátria» em que ele deixou dezenas de artigos de defesa dos interesses poveiros. Contactei com ele nos últimos tempos da sua vida em que, quase cego, todos os dias percorria as ruas da terra arrimado ao caminho e ao amparo de parentes ou amigos que tinham satisfação em acompanhá-lo nessa última devoção bairrista que tanta satisfação lhe dava.

O dr. Vasques Calafate foi um professor distinto do ensino liceal e mais tarde do ensino superior de Economia em que marcou posição relevante e que lhe deu motivo a escrever alguns livros da especialidade, não só elaborados com escrupulo de cientista mas com utilidade de divulgador.

Mas além dos seus méritos de pedagogo que foram muitos, Calafate afirmou sempre o valor do seu alto civismo que o fez devotar-se à sua terra com toda a paixão, esta indo até sacrificar por ela e pelos seus interesses vitais, a sua própria posição ideológica sabido que

liberal e democrata por formação, não hesitou em dar ao Estado a sua cooperação mais franca e devotada em tudo o que representou o interesse superior da Póvoa de Varzim pelo qual galhardamente se bateu e que infatigavelmente serviu.

Foi este alto civismo que o impôs às classes trabalhadoras da sua terra que, na sua persistência de batalhador, reconheceram o sentido do bem público que, de longe,

Continua na página 4

Nas vésperas do centenário de ROCHA PEIXOTO

por FLÁVIO GONÇALVES

Está a biografia de Rocha Peixoto indissolúvelmente vinculada à cidade do Porto. Não o está menos, contudo, à marítima Póvoa de Varzim, pois ao escritor sempre os costumes, o progresso e a história da sua vila natal mereceram o melhor carinho. «Ele queria eternamente à sua terra natal» — declarou Júlio Brandão (1). Outros dos seus amigos íntimos, como Manuel Silva, P.º Manuel Ribeiro de Castro, Manuel Monteiro, David Alves, Eduardo Pimenta, António Silveira, Cândido Landolt, etc., oferecem-nos testemunhos idênticos, nos quais rememoram, até, alguns acontecimentos e obras derivadas do «fervor bairrista» do insigne poveiro (2). Viva e contagiante, não pode esta faceta da actividade de Rocha Peixoto ser hoje evocada por conterrâneo sem verdadeira emoção e fundo reconhecimento: é que não se extingue, eis uma certeza, a alma dos actos que brotaram de um fogo nobre!

Aos vinte e um anos já Rocha Peixoto projectava escrever um trabalho etnográfico acerca dos pescadores poveiros, trabalho que seria ilustrado por Xavier Pinheiro (3). Tal volume nunca veio a sair, sucessivamente adiado a fim de aparecer cada vez mais completo. Mas em diversos artigos que o eminente cientista deixou na *Revista de Ciências Naturais e Sociais* e na *Portugália*, com frequência se nos deparam informações folclóricas sobre os pescadores da Póvoa de Varzim. Justo adversário da espoliação económica dos humildes (4), deu brado o artigo que em 4 de Abril de 1894 inserto no *Primeiro de Janeiro*, verberando os abusos do fisco relativamente aos pescadores poveiros e batendo-se pela conclusão do porto de abrigo da Póvoa e pela fiscalização efectiva da pesca a vapor. Muito conhecida ficou, também, a defesa que fez dos pescadores da sua terra quando Leite de Vasconcelos, em 1903, difundiu a tradição da comunidade poveira apedrejar as imagens dos santos se não atendiam as súplicas que lhes tinham sido dirigidas (5). Ainda a pedido de Rocha Peixoto elaborou Fonseca Cardoso, em 1908, o estudo antropológico dos pescadores da Póvoa de Varzim, publicado a seguir na *Portugália* (vol. II, pp. 517-539). Sem qualquer mesquinho espírito de competição e de inveja, que é vulgar nos nossos investigadores, procurou, sim, que a vida dos pescadores poveiros fosse estudada por todos os que a essa tarefa pudessem meter ombros. Cândido Landolt confessa que sem o estímulo de Rocha Peixoto nunca teria impresso o seu *Folk-Lore Varzino*, saído em 1915 (pp. 9-12). E à intervenção de Rocha Peixoto — herança inesquecível! — devemos o fundo inicial de *O Povo de A. Santos Graça*, o admirável e clássico livro dos usos e tradições da colmeia piscatória veracinese (Póvoa de Varzim, 1932, pp. 7-9).

Sobre os aspectos etnográficos da Póvoa de Varzim urbana, e das freguesias rurais do seu concelho, não são poucas as notas que Rocha Peixoto incluiu nos seus ensaios da *Portugália* — ora acerca das casas e cataventos, ora dos processos de iluminação

Comemora-se para o ano próximo, como se sabe, o I Centenário do nascimento do eminente poveiro António Augusto da Rocha Peixoto.

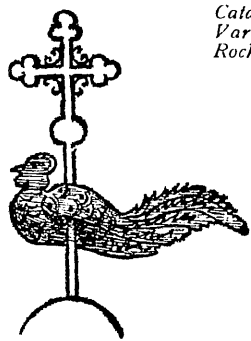
A fim de lembrar esse acontecimento — no qual ninguém parecia reparar — e no sentido de revelar a muitos o que verdadeiramente foi, e o que fez, o

grande sábio poveiro, decidiu o nosso querido amigo e prezado conterrâneo dr. Flávio Gonçalves, publicar no Suplemento cultural de «O Comércio do Porto» uma série de seis artigos consagrados à vida e obra de Rocha Peixoto (série iniciada no número de 22 de Junho).

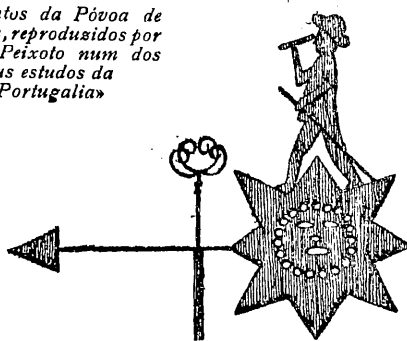
«O Comércio da Póvoa» transcreve os dois últimos, onde é evocado o muito que Rocha Peixoto fez pela sua e nossa Terra, e se sugerem algumas das homenagens que a Póvoa, em sua memória, lhe deve dedicar.

Vamos dar a palavra ao dr. Flávio Gonçalves, o primeiro a agitar a ideia das comemorações

«O Comércio da Póvoa» transcreve os dois últimos, onde é evocado o muito que Rocha Peixoto fez pela sua e nossa Terra, e se sugerem algumas das homenagens que a Póvoa, em sua memória, lhe deve dedicar.



Cataventos da Póvoa de Varzim, reproduzidos por Rocha Peixoto num dos seus estudos da «Portugália»



popular, tábuas votivas, mós manuais, procissões, etc. (referências por vezes acompanhadas de gravuras ilustrativas, tão difíceis, na época, de se obterem).

Muito lhe deve, igualmente, a exploração arqueológica da vila e do concelho. Ao ser avisado, em 1903, do aparecimento de vestígios luso-romanos no Alto de Martim Vaz, na zona norte da vila, logo organizou um grupo de «pessoas ilustradas» da Póvoa que material e moralmente apoiou a realização de metódicas escavações, naquele mesmo ano levadas a cabo por José Fortes; delas nasceu o opusculo que este, depois, editou, intitulado *Restos de uma villa lusitano-romana* (Porto, 1905). Sabendo o arqueólogo poveiro que os castros de Terroso e de Laundos necessitavam de uma competente exploração, conseguiu interessar nisso dois capitalistas locais, que benemeritamente sustentaram campanhas de escavações em 1906 e 1907; do resultado dos trabalhos deu conta o próprio Rocha Peixoto, num artigo da *Portugália* que ficaria a ser o último daquela revista (vol. II, pp. 677-680). Em 1907 teve o cientista notícia das jóias proto-históricas que no monte de Laundos um pedreiro descobrira e tentara vender. Rocha Peixoto não só salvou as magníficas peças, com-

prando-as para o Museu Municipal do Porto, como obteve que Ricardo Severo escrevesse sobre as jóias, na *Portugália*, um excelente estudo (vol. II, pp. 403-412). No ano seguinte, em Abril de 1908, foram encontrados na Estela outros objectos da ourivesaria lusitana: um collar, duas arrecadas, torques, etc. Posto ao corrente do achado por Cândido Landolt, de novo o erudito poveiro acorreu à sua terra e adquiriu para o Museu portuense o precioso tesouro, encarregando José Fortes de redigir, ainda para a *Portugália*, um artigo consagrado a essas jóias da Estela (vol. II, pp. 605-618).

Continua na página 4

INÉDITO

Primeiro dia de aulas! E' com euforia que se entra nas aulas respectivas. Não há receio de «esticancos» — isso será para mais tarde — retoma-se o contacto com os antigos professores e toma-se conhecimento com os novos.

Olhos nos olhos, ausente o receio. Anda no ar o pólen daquela garrulice com que uns e outros se saudaram neste retorno desanuviado, neste início cheio de esperanças, porque, mesmo para os caloiros, as palavras singelas duma camaradagem simpática na apresentação do professor, é antidoto para o seu receio.

Mas... neste primeiro dia de aulas, entremos com os alunos na sala de inglês da Escola Industrial e Comercial da nossa terra.

Paira nas bocas um alegre sorriso. Ouve-se a preleção da professora, a primeira no início dum novo ano escolar e, finda ela, dá-se a primeira lição.

E' com um sorriso alegre na boca e no coração que se ouvem as primeiras noções de inglês. Apesar da «coisa» se afigurar difícil, o sorriso permanece. Pensa-se: «hoje ainda não é para valer»...

Depois da explicação breve, chamada à pedra. Levanta-se a aluna visada, com ligeireza, sem receio. «Se ainda não é para valer»...

O sorriso continua alegre, optimista, embora as respostas não fossem dadas com acerto — o que não era para admirar.

Até que um SENTE-SE! irado e, VOCE É UMA BURRA! desaba a arquitectura alegre daquelas bocas.

Auscultamos o espanto de cada coração ali presente, a desilusão gerada nesta primeira aula de inglês e, lamentamos, sinceramente, quem tiver de submeter-se durante um ano àquela sabedoria...

E pergunto: aquela professora teria nascido ensinada?

E... quanto a educação?...

REIVAL

VIVA IL PAPA!...

por AUGUSTO DIAS

O meu aparecimento na Casa do Infante foi uma verdadeira bomba de plutónio.

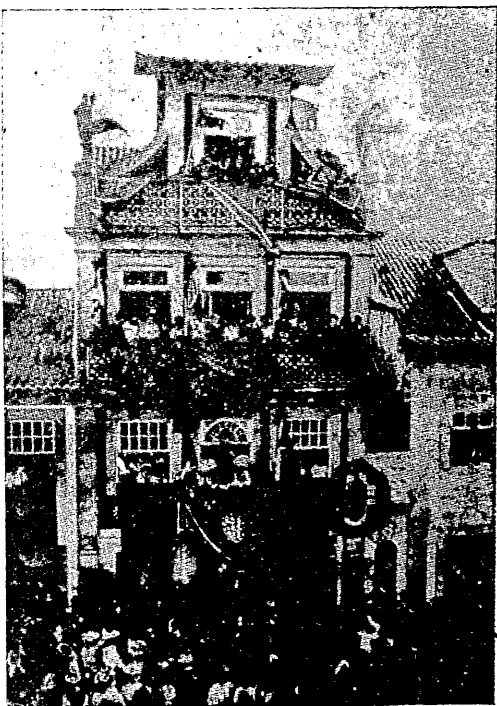
Eu não tinha sido convidado e o Dr. Olívio de Carvalho, ao ver-me, acorreu pressuroso, a desculpar-se com as deficiências do ficheiro.

A época balnear CONTINUA

Ainda temos barracas de sombra no areal e ainda se tomam banhos no mar. A Póvoa tem ainda muitos banhistas — gente dos nossos campos — que terminadas as colheitas e as vindimas vêm até nós descansar das suas lides de um ano inteiro e gosar um pouco das delicias do nosso mar e do nosso esplêndido clima.

Quando todas as praias deram já por terminada a época de banhos, a da Póvoa permanece ainda em actividade.

Continua na página 4



A casa onde nasceu Eça de Queirós no dia da inauguração da lápide de bronze (1906)

